

A ALFABETIZAÇÃO NAS ESCOLAS EM SÉRIES E CICLOS: POSSIBILIDADES DE FABRICAÇÃO DAS PRÁTICAS DE ENSINO DA LEITURA E DA ESCRITA

Magna do Carmo Silva **Cruz** – CEEL-UFPE-IFPE

Introdução

A escola em ciclos configura-se, geralmente, como uma proposta de política integrada que visa à construção de um sistema educacional democrático, com a perspectiva de formar crianças leitoras e produtoras de textos, tornando-se a alfabetização um instrumento para a conquista e o exercício da cidadania. Nesse contexto, mudanças na lei têm sinalizado uma preocupação com os anos iniciais do Ensino Fundamental, buscando uma ampliação do processo de alfabetização para três anos tanto nas escolas em ciclos como em séries. Apesar disso, segundo o Ideb (BRASIL, 2008), a média brasileira para os anos iniciais do Ensino Fundamental é de um índice de 4,2 e está inferior à média de países desenvolvidos, segundo o PISA. Some-se a isso o fato de uma em cada quatro crianças de sete anos, matriculadas na escola, ainda não ter atingido o segundo ano do Ensino Fundamental e cerca de 88% das crianças consideradas alfabetizadas revelarem dificuldades para ler e escrever (IBGE, 2009) em escolas em séries e em ciclos.

Em virtude da necessidade de evidências de pesquisas que tratem da prática de alfabetização que visa à apropriação do conhecimento de forma ampla e exitosa, propomo-nos a investigar quais fatores poderiam contribuir para uma prática de alfabetização bem-sucedida em escolas organizadas em séries e em ciclos. Desta forma, temos como questão de pesquisa: Quais os elementos que possibilitariam o desenvolvimento de práticas de alfabetização que promovem a apropriação da escrita pelos alunos nas escolas em séries e em ciclos? Para tanto, construímos nossa base teórica com base em três estudos fundamentais.

1. Mudanças na organização escolar e alfabetização

De acordo com pesquisas sobre a história da organização escolar no Brasil, a seriação instalou-se por volta dos anos de 1893 e só a partir dos anos de 1920 iniciou-se, no país, o processo de formação da política de ciclos no Brasil (MAINARDES, 2007), vindo este processo a ter como objetivo romper com a lógica da exclusão social e cultural dos alunos; no entanto, até hoje, a idéia de aprendizagem contínua permanece problemática, apresentando um distanciamento entre o que é proposto e o que

efetivamente é atingido na prática escolar; sendo reproduzidos, nas propostas de ciclos, os processos de exclusão da escola seriada.

Assim, pesquisas apontam que as práticas desenvolvidas em escolas seriadas têm promovido índices semelhantes de aprendizagens, se relacionadas às escolas em ciclos. A pesquisa de Pinesso (2006) teve por objetivo investigar se haveria diferença entre a produção de textos de alunos da 4ª série e do 2º ano do 2º ciclo. Após a aplicação de uma atividade de produção de textos em duas escolas seriadas e duas cicladas, os resultados apontaram não haver mudanças significativas nas produções textuais. Da mesma forma, a pesquisa desenvolvida por Alavarse (2007) comparou escolas em ciclos, em quatro estados, visando analisar as controvérsias sobre a organização escolar de ciclos ou séries, por meio da análise documental sobre a constituição e implantação dos ciclos, bem como analisando os dados obtidos nessas escolas no INEP, SAEB e Prova Brasil. Os resultados assinalaram que não haveria indícios de mudanças radicais e nem indícios comprobatórios de que a adoção de ciclos nessas escolas teria levado a uma queda na qualidade do ensino.

2. Professor como autor e reconstrutor de sua prática de ensino na alfabetização

Em relação à perspectiva da Construção dos Saberes na Prática, Chartier (2007) anunciou que o professor constrói suas práticas a partir do que está sendo discutido no meio acadêmico e transposto para os textos do saber. Nesse processo, a partir de suas reinterpretações, considera o que é possível e pertinente para ser feito em sala de aula. Nessa re-construção, as práticas escolares cotidianas são apropriações ativas, não devendo ser consideradas como algo acabado e pronto. Essas práticas são constituídas de um conjunto de dispositivos para o ensino dos conteúdos e envolvem procedimentos rotineiros e inovadores, englobando disposições incorporadas por cada sujeito, os esquemas de ação e a fabricação de suas práticas profissionais, privilegiando o “como fazer” em detrimento do “por que fazer”.

Tomamos, também, como referencial teórico a fabricação do cotidiano escolar de Certeau (1994) na compreensão de como se daria a construção desse cotidiano. O cotidiano seria o local onde se formalizariam as práticas sociais, sofrendo influências exteriores. Assim, as relações sociais seriam formadas por práticas fabricadas a partir das diversas atividades da vida cotidiana, produzidas e recriadas pelos sujeitos. Utilizaremos os conceitos formulados por Certeau (op. cit.) acerca das “estratégias” e

“táticas”, na análise das práticas pedagógicas desenvolvidas nas escolas organizadas em séries e ciclos.

Discussões teóricas atuais sobre a “qualidade na alfabetização”: reflexões iniciais

A diversidade de concepções sobre a “qualidade da alfabetização” transita entre a posição que adota os métodos “tradicionais” de alfabetização e as contribuições da Psicogênese da Escrita (FERREIRO; TEBEROSKY, 1999). No bojo dessas discussões, a relação entre consciência fonológica e apropriação da notação alfabética é atualmente explicada por três linhas teóricas tendo como ponto de interseção entre elas (adeptos da consciência fonológica e da psicogênese da escrita) o fato de que a criança, ao desenvolver habilidades de analisar fonologicamente as palavras da sua língua, lançar mão dessa capacidade de análise, ao elaborar hipóteses sobre a escrita (MORAIS, 2004).

Comentário: Melhorar redação. Não está claro o que são essas 2 outras posições

Nessa perspectiva, o ensino e a aprendizagem da “notação escrita” e da “língua escrita” são dois elementos que precisam ser tratados em suas especificidades no processo da alfabetização. Dessa forma, não se apostaria em “descobertas espontâneas”, pela criança, das relações grafema-fonema; devendo ser desenvolvido um processo que considere a alfabetização e o letramento como práticas específicas (SOARES, 2003). Assim, Morais (2007) apontou a urgência de discutirmos metodologias em alfabetização (em lugar de métodos), observando o domínio específico em que se inserem a leitura e a escrita, resignificando a alfabetização e considerando a heterogeneidade das crianças por meio de intervenções pedagógicas adequada. Desta forma, estaremos evitando trabalhar com um “aluno padrão”, confrontando o aluno com aquilo que é obstáculo para ele, por meio de intervenções e atividades fecundas (GOIGOUX, 2000).

A discussão sobre a metodologia adequada que promova “qualidade na alfabetização” não é recente no cenário brasileiro, pois, segundo Belintane (2006), os autores do relatório final do grupo de trabalho “Alfabetização infantil: os novos caminhos” (BRASILIA, 2003) parecem disputar com os organizadores dos documentos oficiais ‘o poder de ditar o que dá certo na alfabetização’; ou seja, eles fazem uma crítica a outras propostas/metodologias/teorias que tratam da aprendizagem da leitura e da escrita, colocando o método fônico como o único eficaz para atingir essa “qualidade”, sem contudo apresentar dados que comprovem essa supremacia.

Nesse contexto, Morais (2010) aponta a necessidade de os debates, que opõem “construtivistas” e partidários dos “métodos fônicos”, alimentarem-se de pesquisas que analisem as práticas reais de alfabetização fabricadas nas salas de aula pelos professores, buscando recuperar o lugar do ensino da escrita alfabética no ensino de língua portuguesa. Sendo assim, passaríamos a considerar o professor como inventor/construtor de metodologias adequadas a sua turma, por meio da organização e reflexão sobre a sua prática de ensino, independentemente do tipo de organização escolar. Portanto, nosso principal objetivo de pesquisa nessa tese será investigar quais fatores contribuem para uma prática bem-sucedida de alfabetização nas escolas organizadas em séries e em ciclos.

Metodologia

Desenvolveremos uma pesquisa de caráter qualitativo (LUDKE e ANDRÉ, 1986) e longitudinal, em duas escolas (série e ciclo) que apresentaram bons índices na Prova Brasil/2007, durante um ano letivo (2010), buscando promover uma imersão do pesquisador no cotidiano dessas escolas. Como campo de pesquisa, iremos investigar as três turmas dos anos iniciais, em ambas escolas, e suas respectivas professoras, configurando-se este estudo como dois estudos de caso.

Como procedimentos de coleta, utilizaremos (1) a *análise documental* da proposta curricular dos municípios pesquisados, do projeto político pedagógico de cada escola, do estatuto de cada escola e das atas dos conselhos de ciclos e/ou conselhos de classe; (2) *entrevistas* semi-estruturadas com um gestor do município/ diretor e/ou coordenador das escolas e mini-entrevistas com os professores, durante as observações; (3) *Diagnose* da aprendizagem dos alunos, em cada turma, quanto a apropriação da escrita e da leitura no começo, meio e final do ano letivo; (4) *Observações de aulas* com certa regularidade, por um período de um ano, em cada turma; (5) Encontro de *Grupo focal*, no meio e final do ano letivo, a fim de desencadear uma discussão coletiva sobre as táticas e re-construções produzidas em suas práticas. Os dados coletados serão analisados com base nas orientações metodológicas da análise de conteúdo de Bardin (1977).

Referências bibliográficas

- ALAVARSE, O. M. *Ciclos: a escola em (como) questão*. Dissertação (Mestrado em Educação). Universidade de São Paulo, 2002.
- BARDIN, L. *Análise de Conteúdo*. Lisboa: ed. 70, 1977.
- BELINTANE, C. Leitura e alfabetização no Brasil: uma busca para além da polarização. *Educação e pesquisa*. São Paulo, v. 32, n.2, p.261-277, mai/ago, 2006.
- BRASIL. Ministério da Educação e do Desporto. Instituto Nacional de estudos e Pesquisas Educacionais Anísio Teixeira. *Indicadores Demográficos e Educacionais: Relatório Nacional*. Brasília: INEP, 2008. Disponível em: <http://ide.mec.gov.br/2008/index.php> acesso em: 10/01/2010.
- CERTEAU, M. *A invenção do Cotidiano*. Petrópolis, RJ: Vozes, 1994.
- CHARTIER, Anne-Marie. *Práticas de leitura e escrita – história e atualidade*. Belo Horizonte: CEALE/Autêntica, 2007.
- FERREIRO, E.; TEBEROSKY, A. *Psicogênese da língua escrita*. Porto Alegre: Artes Médicas, 1999.
- GOIGOUX, R. Analyser l'activité d'enseignement de la lecture: une monographie. *Revue Française de Pédagogie*, 138: 125-134, 2000.
- IBGE. *Pesquisa Nacional por Amostra de Domicílios – Síntese de Indicadores 2008*. Rio de Janeiro: IBGE, 2009. ISBN 978-85-240-4085-6
- LUDKE, M.; ANDRÉ, M. E. D. A. *Pesquisa em educação: abordagens qualitativas*. São Paulo: EPU, 1986, p. 26, 28.
- MAINARDES, J. *Reinterpretando os Ciclos de Aprendizagem*. São Paulo: Cortez, 2007.
- MORAIS, A. G. A apropriação do sistema de notação alfabética e o desenvolvimento de habilidades de reflexão fonológica. *Letras hoje*. v. 39. nº 3. p. 175 – 192, 2004.
- _____. *Concepções e metodologias de alfabetização: por que é preciso ir além da discussão sobre velhos métodos*. Palestra ministrada no Seminário de alfabetização e letramento do MEC, 2007, p. 1 – 7. Artigo acessado em 14/05/07. Disponível na pagina da Web: http://portal.mec.gov.br/seb/arquivos/pdf/Ensfund/alf_moarisconcpmetodalf.pdf
- _____. Tendências recentes evidenciadas em pesquisas sobre o ensino da escrita alfabética Recent trends showed in research about the teaching of alphabetic writing. *Revista Brasileira de Estudos Pedagógicos*, 2010.
- PINESSO, Márcia Regina Falcioni. *Sistema seriado e sistema de ciclo: organização do*

tempo escolar e implicações na aprendizagem da escrita. Dissertação (Mestrado em Educação). Universidade Estadual de Maringá, 2006. 130p. (Orientadora: Nerli Nonato Ribeiro Mori)

SOARES, M.. *Letramento e alfabetização: as muitas facetas*. In: 26ª Reunião Nacional da ANPEd, 2003, Caxambu. Anais da 28ª Reunião Nacional da ANPEd, Caxambu: 2003, p. 1 – 18.